



Imagem 9. Justino Morais, "Abrigo da Nora", Vinagre (Colares), proj. 1964. (fonte: Arquivo Família Morais).

(1958-1959) de Nuno Teotónio Pereira (n. 1922) e Nuno Portas (n. 1934), mas talvez seja justo destacar aqui um projecto, até agora inédito, do arquitecto Justino Morais (1928-2011) – o Abrigo da Nora (1964) –, que recupera as dimensões mínimas mais congeniais ao período de férias, onde a reunião da família não exige grande desafogo interior, antes uma meditada organização espacial e uma ampla relação com o exterior.

Neste projecto todo o investimento é canalizado para a concentração das actividades domésticas no menor espaço possível. A utilização de ângulos de 45° na composição denota a influência internacional exercida neste arquitecto, numa época em que se procuravam

alternativas às usuais divisões rectilíneas a fim de permitir uma maior fluidez espacial. Com efeito, a utilização de redes como suporte geométrico para a concepção de um edifício está presente pelo menos desde as experiências de Frank Lloyd Wright nos anos 1930 – patente, por exemplo, na Casa Hanna (Califórnia, 1935-37) – e irá generalizar-se nos anos 1960 em Portugal. No abrigo de Morais este tipo de estruturação permite-lhe – ao mesmo tempo que dota as curtas permanências aí passadas da possibilidade de uma riqueza vivencial inusitada – a subtil resolução de todos os problemas projectuais num espaço reduzidíssimo, o que, neste caso e recorrendo aos métodos de composição ortogonais, talvez não tivesse sido viável. De modo algum imune às tendências estéticas do seu tempo, o Abrigo da Nora demonstra, no entanto, que um certo tipo de considerações projectuais – derivadas de uma determinada maneira de estar que privilegia a essencialidade e o despojamento

–, ligadas ao conceito de *villa* transformado pelo século XIX, se mantém presente na região em análise, pelo menos até à década de 1960. A relevância com que ainda é tratado o tema da paisagem, o simbolismo da serra no horizonte, o sentimento de refúgio e a fruição dos espaços exteriores, indiciam que as características intrínsecas deste território – cuja origem se perde, como tentámos demonstrar, em tempos remotos – ainda modernamente exercem capital influência nas mais relevantes intenções de projecto, desde a implantação até à disposição interna e à relação com a envolvente. À cultura arquitectónica propriamente dita – em constante evolução ou alteração – sobreposição-se, portanto, a "imutável" cultura da *villa*, que acompanha a arquitectura nas questões vivenciais mas que remete firmemente para um passado imemorial a respectiva carga ideológica ligada aos valores do habitar simples, do recolhimento na natureza, do sossego e do ócio.

REFERÊNCIAS

- Ackerman, J., 1995 [1990]. *The Villa, Form and Ideology of Country Houses*. Princeton University Press, New Jersey.
- Caetano, M. T., 2000. Colares. Câmara Municipal de Sintra, Sintra, Portugal.
- Cardim Ribeiro, J., 2011. "Soli Aeterno Lunae - Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: é um caso complexo de sincretismo?". *Diis Deabusque. Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia "Culto e Sociedade"*. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, Sintra, p. 595-624.
- Ferreira, R. H., 1992. "Keil Amarel e a Arquitectura", in Amarel, F. P. K. (coord.), *Keil Amarel Arquitecto 1910-1975*. Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, p. 35-97.
- Gaspar, N. e Gaspar, M., 2010. *Um passeio de Cintra até ao mar. Postais e fotografias do passado*. Artlandia, Lisboa, Portugal.
- Nogueira, A., 1943. "Rodisio, Bairro dos Arquitectos", in *Panorama*, n.º 15-16 (Jul.), Secretariado da Propaganda Nacional, Lisboa, p. 49-53.
- Rodrigues, A., 2001. *Alfredo Keil 1850-1907*. IPPAR, Lisboa, Portugal.
- Vieira da Silva, J. C., 1996. "Palácio Nacional de Sintra", in Cardim Ribeiro (coord.) *Sintra Património da Humanidade*. Câmara Municipal de Sintra, Sintra, p. 45-49.
- Tostões, A., 2000. "Casas de Férias Modernas, Anos 50 e Estilo Contemporâneo", in *Jornal Arquitectos*, n.º 196 (Mai.-Jun.), Ordem dos Arquitectos, Lisboa, p. 31-35.